

Educação museal - um passo ao encontro de nossas utopias

Resumo: O texto propõe uma reflexão sobre a importância da educação museal para a compreensão da museologia como uma ciência social que busca a formação consciente dos indivíduos. Identifica, a partir do mapeamento de conteúdos publicados, que o termo “educação em museus” foi associado, em meados do século XX, a três abordagens: educação visual; educação para o povo; projeto de nação assegurado pela instrução pública. O trabalho pela legitimação da educação como uma função a ser exercida pelos museus motivou seu aprimoramento teórico e prático, processo que culminou, nas primeiras décadas do século XXI, no uso do termo “educação museal”, que compreende o emergir de uma reflexão crítica contínua da realidade a partir da relação do sujeito com o patrimônio. Conclui que a educação em museus/ educação museal tem como base atemporal o diálogo, dotando os museus e as experiências de caráter museológico com um papel social a cumprir.

Palavras-Chave: educação em museus; educação museal; história da educação nos museus.

Ana Carolina Gelmini de Faria
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul
carolina.gelmini@ufrgs.br

Museum education - a step towards our utopias

Abstract: The text proposes a reflection on the importance of museum education for the understanding of museology as a social science that seeks the conscious formation of individuals. It identifies, based on the mapping of published content, that the term “education in museums” was associated in the first half and mid-20th century with three approaches: visual education, education for the people, and a nation-building project ensured by public instruction. The work towards legitimizing education as a function to be carried out by museums motivated its theoretical and practical improvement, a process that culminated in the use of the term “museum education” in the early decades of the 21st century. This term encompasses the emergence of a continuous critical reflection on reality based on the individual's relationship with heritage. It concludes that museum education/museum pedagogy has a timeless foundation in dialogue, endowing museums and experiences with a museological character with a social role to fulfill.

Keywords: museum education; museal education; history of education in museums.

Educación museal: un paso hacia el encuentro con nuestras utopías

Resumen: El texto propone una reflexión sobre la importancia de la educación museal para la comprensión de la museología como una ciencia social que busca la formación consciente de los individuos. Identifica, a partir del mapeo de contenidos publicados, que el término “educación en museos” estuvo asociado en la primera mitad y mediados del siglo XX a tres enfoques: educación visual, educación para el pueblo y proyecto de nación asegurado por la instrucción pública. El trabajo por la legitimación de la educación como una función a ser ejercida por los museos motivó su mejora teórica y práctica, proceso que culminó, en las primeras décadas del siglo XXI, en el

uso del término “educación museal”, que comprende el surgimiento de una reflexión crítica continua de la realidad a partir de la relación del sujeto con el patrimonio. Concluye que la educación en museos/educación museal tiene como base atemporal el diálogo, dotando a los museos y experiencias de carácter museológico con un papel social a cumplir.

Palabras Clave: educación en museos; educación museal; historia de la educación en los museos.

Uma pesquisa é um marco dos interesses, dos anseios, dos desejos e das curiosidades de seu(sua) autor(a) em um determinado momento da vida. O ponto de partida, bem como a escolha do itinerário da investigação, é atravessado pelas vivências e escolhas de quem desenvolveu o trabalho. Já as decisões argumentativas são influenciadas por um espaço social mais amplo que intervêm direta e indiretamente no campo em que atuamos. Assim se iniciou minha trajetória investigativa, resultado de uma cadeia de eventos muito pessoal: 1) cursei Museologia em nível de graduação; 2) meu percurso universitário me levou ainda, enquanto aluna da graduação, à divisão educativa de um museu – embora, naquele momento, mais pelo acaso do que por motivações acadêmicas –; 3) presenciei cotidianamente, seja por mediações ou ações educativas pontuais, diferentes relações estabelecidas pelos(as) visitantes com o patrimônio cultural; 4) em um processo de amadurecimento profissional, essas vivências começaram a se tornar inquietações acadêmicas, passei a questionar qual era a fundamentação teórico-metodológica das práticas educativas realizadas e se em algum momento estávamos em interlocução com os processos educativos uma vez produzidos em gestões anteriores – alinhados a um propósito de missão institucional que ultrapassa decisões setoriais e direções de forma isolada. Possivelmente, o(a) leitor(a) deste texto se identifique com esse percurso – muitos(as) pesquisadores(as) que investigam a educação museal têm, na origem de suas inquietações, uma passagem em sua vida como educador(a) de museus. Acredito que nós, quando assumimos esse lugar, somos tomados por uma polifonia de papéis, entre os quais destaco de instigar, de mediar, de criticar, de criar e de indagar a realidade.

Essa sucessão de eventos me provocou a estudar a produção, a circulação e a apropriação de discursos científicos, educativos e culturais sobre o aprendizado nos museus em perspectiva histórica. Busquei respostas pelo embasamento teórico da história da educação, capaz de abranger estudos que vão do ensino institucionalizado aos processos de aprendizagem e socialização (Stephanou; Bastos,

2005). Abracei, de forma fervorosa, o que a Waldisa Rússio Camargo Guarnieri já em 1983 defendia como o método interdisciplinar do conhecimento museológico no nível do ensino: um diálogo efetivo entre um quadro de professores(as) multiprofissional e interdisciplinar e um quadro de discípulos(as) igualmente interdisciplinar, despertando “[...] um clima de humildade, de respeito e confiança recíprocos, de liberdade, no qual a educação, a ciência e o homem têm a possibilidade de crescer” (Guarnieri, 2010, p. 135).

Minhas pesquisas, em nível de pós-graduação na educação, concentraram a atenção na produção brasileira em meados do século XX. Para compreender a articulação entre museus e educação nesse recorte temporal, precisei localizar os(as) produtores(as) que fomentavam seus debates e em que espaço circulavam, se situavam e se posicionavam. Esse talvez seja um dos grandes aprendizados de minha jornada acadêmica: prestar muita atenção na potencialidade dos(as) agentes (Bourdieu, 2004b). São as pessoas que constroem relações de estratégia, de negociação, de disputa, de interesses e de investimentos, preservando ou remodelando a estrutura do campo (Bourdieu, 1989, 2004a, 2004b, 2007) – embora tenhamos o vício de rotular esses(as) agentes como uma única personificação: o museu. E foi por meio da análise do itinerário de produção desses(as) agentes que acentuei possíveis motivações do interesse do campo dos museus pela educação, as quais destaco: a retomada da qualidade cognitiva dos objetos; o interesse crescente pelo acesso do público aos museus – até então pouco estudado pelos(as) profissionais, uma vez que o campo priorizava as funções voltadas à preservação do acervo; e um projeto de nação que intencionava propagar uma identidade comum por meio da educação (Faria, 2013, 2017).

O tema educação em museus¹ ganhou fôlego nesse decurso, pois foram identificadas particularidades no aprendizado com objetos na condição de patrimônio. Agentes apostavam que debates e práticas desse viés intensificariam as condições da autonomia do campo dos museus. Ao me aprofundar nos debates do período estudado, a partir da contribuição brasileira, deparei-me com uma defesa do aprimoramento do papel educativo dos museus sustentada por três abordagens: educação visual; educação para o povo; projeto de nação assegurado pela instrução pública. Esses três motes buscavam manter os museus em sintonia com as demandas contemporâneas, muitas dessas advindas das consequências da Segunda Guerra Mundial. Os(as) profissionais de museus tinham

1 Usarei o termo “educação em museus” para me referir aos debates da primeira metade do século XX, pois assim os(as) agentes se referiam ao assunto em eventos e publicações. Para debates contemporâneos, adotarei o termo “educação museal”, termo que vem sendo adotado com fôlego no Brasil no século XXI.

tanto o conhecimento do projeto de renovação do ensino², promovido na primeira metade do século XX, como a percepção da abrangência do aprendizado pelo estímulo da visão (Faria, 2017). Legitimar os museus como espaços educativos demandava apresentar os objetos ao público como fontes de informação e, conseqüentemente, as exposições como narrativas. Esses são vestígios dos primeiros contornos dos debates sobre a relação dos museus com seus contextos sociais que culminaram, na segunda metade do século XX, com a proposta da museologia social.

Acredito, após percorrer várias evidências da primeira metade do século XX, que os debates e soluções sobre a educação em museus no período investigado foram decisivas para as circunstâncias hoje delineadas no campo. Se atualmente se tem o entendimento de que a existência dessas instituições se centra no envolvimento e engajamento ativo do público, crédito deve ser conferido às estratégias que visavam romper com uma função de museu limitada às práticas de preservação do acervo.

O que observo, ao me deparar com os escritos dos(as) agentes desse período, é a gradual descentralização de uma atenção unidirecional aos objetos para também considerar o sujeito. A conservadora de museus Regina Monteiro Real³, em seu livro *Museu ideal* (1958), abriu a introdução definindo o que se compreendia por museologia naquele momento, assegurada pela última edição da enciclopédia Larousse: “MUSEOLOGIA – CIÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO DOS MUSEUS” (Real, 1958, p. 5). O desafio era comunicar narrativas instituídas pelas instituições. Assim, organizar estratégias que promovessem a interação do visível com o público passou a ser um dos grandes desafios da considerada ciência da organização dos museus. De acordo com a conservadora de museus Dulce Ludolf⁴ (1964), estas se voltavam para duas ênfases: a) a intensificação das pesquisas sobre o patrimônio, denominada por agentes de “pesquisa do objeto”; b) as soluções expográficas que estimulariam a educação visual pelo patrimônio, intituladas de “pesquisa educacional”. O público, a partir de então, ganhou progressiva atenção desses(as) profissionais.

Nesse desafio teórico-metodológico, a noção de público, pela perspectiva da educação em museus, ganhou muitos contornos. Um dos fortes interesses passou a ser o público escolar, mas, a literatura da época revela, também, o objetivo de atingir amplas camadas da sociedade – a exemplo de analfabetos(as) e comunidades com pouco

2 O movimento escolanovista foi amplamente explorado nos museus por conservadores(as) de museus e educadores(as). Tem-se registro da interseção dos campos da educação e dos museus através de entrevistas, de estudos e de atuações de profissionais como Anísio Teixeira, Fernando Tude de Souza, Francisco Venancio Filho, Edgar Sússekind de Mendonça, Jonathas Serrano, entre outros (Faria, 2017).

3 Regina Monteiro Real se matriculou no curso de Museus em 1936, sendo diplomada no final do ano seguinte. Assim que se formou foi nomeada interinamente para os cargos de conservadora e secretária do Museu de Belas Artes, tendo, ao longo de sua carreira, montado exposições, ministrado cursos e escrito artigos sobre a relação entre museu e arte. Também atuou de 1955 até 1969, ano de seu falecimento, no Museu Casa de Rui Barbosa. Publicou, em 1958, o livro *Museu ideal* (Sá; Siqueira, 2007).

4 Dulce Cardozo Ludolf se matriculou no curso de Museus em 1940 e se formou em 1941. No ano seguinte, foi classificada no concurso para cargos na carreira de conservador promovido pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp) e, após atuar no Museu Nacional, compôs, em 1944, o quadro funcional efetivo do Museu Histórico Nacional na Seção de Numismática. Professora do curso de Museus, foi vice-diretora do curso de Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) de 1983 a 1984 e coordenadora de 1984 a 1988 (Sá; Siqueira, 2007).

acesso à cultura – movimento que caracterizaram como educação para o povo (Real, 1958; Trigueiros, 1958; Valladares, 1946). Indícios já evidenciam o debate sobre a funcionalidade e a finalidade dos museus, tendo por ênfase a educação, Bertha Lutz⁵ sinaliza em seu relatório de 1932 reflexões sobre o tema ainda no século XIX:

Já em 1864, Gray a define [a função dos museus], quando diz que ao museu compete: 'Primeiro, difundir a instrução e contribuir para o recreio intelectual da massa do povo; segundo, proporcionar ao pesquisador científico o ensejo de examinar detidamente todos os espécimes que constituem as coleções do Museu'. Vejamos agora a prática. Corresponderá ela verdadeiramente ao ideal almejado nas palavras de Ruthven quando proclama o '*museum of living thought, a center of learning - a principal agency for the enlightenment of the people*' [grifo da autora]. Na realidade, até as últimas décadas, os museus tinham descurado um tanto o aspecto popular de sua função educativa, dedicando-se quase que exclusivamente ao papel de elemento material subsidiário à disposição do pesquisador. As coleções eram organizadas de modo a facilitar as investigações científicas, não obstante a aridez desta modalidade de exposição. Por grande favor admitia-se o público a percorrer as salas e ler os rótulos anexados aos espécimes, muitas vezes reduzidos, nos museus de ciência, à nomenclatura científica incompreensível para o leigo e, nos museus de arte, ao nome do autor da obra, sua data de nascimento e morte. Agora não é mais assim. O museu contemporâneo está começando a adquirir consciência de seu papel de esclarecedor da massa do povo e a envidar todos os esforços nesse sentido (Lutz, 2008, p. 31).

A defesa do aprimoramento do aprendizado nesses espaços foi ganhando contornos globais. Castillo (2008) apresenta registro de uma reunião do Escritório Internacional de Museus⁶, de 1927, em que Louis Hautecoeur⁷, na época presidente, questionava a importância da discussão:

O museu deve ser exclusivamente um gabinete de curiosidades do passado ou deve ser uma influência sobre a vida social e estar intimamente associado ao desenvolvimento intelectual do público, ao mesmo tempo que serve aos estudos intelectuais? Se se responde afirmativamente a essa segunda questão, quais são os melhores métodos para aplicar nesse domínio? (Paris, 1993, *apud* Castillo, 2008, p. 258).

5 Bertha Maria Julia Lutz se formou em Sciences, em Paris, na Sorbonne, em 1918. Em 1919, tornou-se secretária do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Mais tarde, atuou como naturalista na seção de botânica da mesma instituição. Em 1933, obteve o título de bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (Lopes, 2008).

6 O Escritório Internacional de Museus – Office International des Musées (OIM) – foi um órgão internacional criado em 1926 que antecedeu o Conselho Internacional de Museus (Icom), tendo por objetivo disseminar assuntos de importância para o campo dos museus por meio da organização de intercâmbios, de congressos e de publicações. O OIM era vinculado ao Institut International de Cooopération Intellectuelle – precursora da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) – e, consequentemente, supervisionada pela Sociedade das Nações (Unesco, 2011).

7 Louis Hautecoeur foi conservador do Museu do Louvre de 1919 a 1927 e professor da Escola do Louvre de 1920 a 1940. Para maiores informações sobre sua trajetória profissional, consultar: POULAIN, C. Louis Hautecoeur et Vichy: pensée et action politiques d'un historien de l'architecture. Livraisons d'histoire de l'architecture, Paris, v. 3, n. 1, p. 103-111, 2002.

No Brasil, encontramos, em meados do século XX, produções escritas que, ainda sutis – algumas mais enfáticas –, anunciavam, pelo viés da educação, a necessidade de um (re)pensar e (re)agir da museologia. O profissional de museus José Antonio do Prado Valladares⁸ (1946) defendia que os museus deveriam parar de se devotar aos mortos para servir aos vivos. Já o conservador de museus Florisvaldo dos Santos Trigueiros⁹ (1958) acreditava que os museus, ao exercerem a educação popular, contribuíam para o “progresso cultural” de comunidades, em especial da população rural. A conservadora de museus Regina Real (1958) projetava a educação do povo nos museus regionais que, atuando como agregadores da comunidade, estimulariam o desenvolvimento comunitário. Essas propostas eram transgressoras e somente ganharam protagonismo na museologia a partir da década de 1970.

Assim, suponho que a valorização gradual do público e o amplo acesso ao patrimônio, pelas propostas de educação visual e educação para o povo, suscitaram necessidades complexas que impulsionaram a fundamentação do conhecimento adquirido pelo estudo e prática da museologia, defendida na segunda metade do século XX como uma ciência. Passou-se, a partir de então, a se considerar as múltiplas relações do ser humano com o objeto, valorizando, sobretudo, a experiência humana.

Hoje, somos personagens da primeira metade do século XXI, os(as) agentes que movem o campo. As décadas que separam os debates pesquisados e o atual marcam o amadurecimento social dos museus e o protagonismo de seus(suas) educadores(as), estes indispensáveis no processo de conscientização de um exercício museal compromissado com o coletivo, a diversidade, a democracia e a cidadania.

Se na primeira metade do século XX era uma proposição de agentes do campo debater e defender a educação em museus – enquanto uma função a ser exercida pelas instituições que, no exercício de instrução pública, focava na transmissão de um conteúdo a partir de então cuidadosamente planejado, e em muitos casos de caráter cívico –, nos primeiros anos do século XXI vemos a afirmação da educação museal, a defendendo não somente como função particularizada de uma ou de outra experiência de caráter museológico, mas como uma política pública de abrangência nacional. Aproximando as temporalidades em análise, identifico uma dinâmica articulada entre os(as) agentes engajados(as) com

8 José Antonio do Prado Valladares foi bacharel em Direito, crítico de arte, professor, organizador de salões de arte na cidade do Salvador e colaborador do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Em 1939, com apenas 22 anos de idade, foi indicado para a direção do Museu do Estado da Bahia, cargo que desempenhou até seu falecimento, em 1959. Primeiro representante brasileiro na comissão editorial da revista *Museu da Unesco* (1948) (Ceravolo; Santos, 2007).

9 Florisvaldo dos Santos Trigueiros se matriculou no curso de Museus em 1949, como bolsista pelo estado da Bahia. Desde 1942, era funcionário público do Banco do Brasil e, quando se formou, em 1951, este novo ofício foi determinante para a sua trajetória profissional. Trigueiros se especializou em processamento técnico de museus e acervos numismáticos, tornando-se uma referência no Brasil ao organizar e implementar instituições como Museu do Banco do Brasil (1954-55), Museu da Caixa de Amortização (1960), o Museu de Valores do Banco Central (1974-1975), entre outros inúmeros projetos e exposições de curta duração. Sempre esteve presente nos debates da área museológica no país e no exterior, tendo sido o representante do Museu do Banco do Brasil no Seminário Regional Latino-Americano da Unesco, em 1958 (Sá; Siqueira, 2007).

a educação que insere os museus e as demais experiências nas demandas da contemporaneidade e os desafia ao permanente diálogo com a sociedade.

Anna Leshchenko aponta o discurso museológico como uma ferramenta para a reflexão teórica. De acordo com a pesquisadora, o discurso, compreendido como um ato comunicacional, “[...] abre uma oportunidade para se aplicar a análise do discurso a textos teóricos criados acerca da prática museal escritos em diferentes momentos sobre diferentes temas” (Leshchenko, 2017, p. 122). No que se refere ao discurso museológico nacional, este aponta a necessidade de se investigar a exploração das narrativas ditas e não ditas, análise que permite avaliar tanto o que se considera como urgência do campo como as ausências que um determinado discurso pode carregar.

Um exercício nessa direção é observar documentos de caráter acadêmico – e político – promovidos pelo campo sobre educação em museus/educação museal. A educação em museus foi um tema muito debatido na década de 1950 e uma das demonstrações dessa tendência foram os eventos realizados pela Unesco sobre a função educativa dos museus. Em 1958, a terceira edição do encontro foi organizada no Rio de Janeiro, no Brasil, entre os dias 7 e 30 de setembro.

Os(as) profissionais brasileiros(as) tiveram importante participação na realização do Seminário Regional da Unesco, pois os museus cariocas se tornaram cenários da programação. O documento final, produzido neste seminário, definiu algumas características da educação em museus e apontou necessidades para sua execução. Segundo o registro do encontro, o museu é um espaço que beneficia a educação, pois seu principal veículo de comunicação, as exposições, tem por si só valor didático. O desafio passaria a ser propor ao invés de impor (Rivière, 1958).

Destaco ainda que no relatório final do evento, produzido por Georges Henri Rivière¹⁰, alguns temas se legitimam como debates que caracterizam a expectativa sobre a educação em museus no decorrer da primeira metade do século XX: as visitas guiadas, que incentivariam a participação consciente do público na visita ao museu; a apropriação de outros meios de comunicação que estavam em seu apogeu, como o rádio e a televisão; a relação dos museus com seus públicos, com ênfase no público jovem e analfabeto, ao considerarem que os museus atende pela educação

10 Georges Henri Rivière é um conservador de museus francês, formado pela Escola do Louvre. Diretor do Icom no período de 1948 a 1965. Para maiores informações sobre sua trajetória profissional, disponível em: <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5476>.

visual as demandas deste público (Rivière, 1958). Para conceber e desenvolver o trabalho didático dos museus, o documento final do seminário regional indicou a necessidade de um(a) profissional especializado(a), denominado nessa ocasião de “pedagogo(a) dos museus”. Foram indicados(as) para ocupar este cargo o(a) pedagogo(a) ou, em caso de instituições mais modestas, o(a) próprio(a) conservador(a) de museus – neste período denominado também como “museólogo(a)” –, a fim de desenvolver programas pedagógicos e exposições educativas. O ideal seria que ambos(as) profissionais desempenhassem as tarefas pedagógicas em parceria – embora no próprio registro do evento haja o relato de que tais relações não eram sempre compatíveis: “havia divergências, às vezes agudas, entre educadores e funcionários do museu. Mas é muito bom afirmar que terminaram sempre em boa harmonia”¹¹ (Rivière, 1958, p. 12).

Em 2018, décadas após o Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus, ocorreu, no Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro, Brasil), o Seminário Internacional Museu e Educação: 60 anos da Declaração do Rio de Janeiro, realizado entre os dias 9 e 11 de outubro. O evento se centrou no debate de teorias, práticas educativas, relatos de experiências e políticas públicas voltadas para a educação museal, definida como uma política nacional um ano antes, em 2017 (Instituto Brasileiro de Museus, 2018). Através do registro das palestras de convidados e comunicações orais, é possível identificar alguns conceitos que vão instigar os debates contemporâneos do campo, tais como “decolonialidade”, “comunidade” e “território”, “inclusão”, “mediação”, “políticas culturais” (Museu Histórico Nacional, 2020). Sobre os debates promovidos em 2018, Mário Chagas analisa:

Em 2018 o campo museal brasileiro comemorou os 60 anos do Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus. Merece atenção o fato de o Ibram ter indicado para a XII Primavera dos Museus, em 2018, o tema ‘Celebrando a educação em museus’. [...] O que há de novo? Entre 1958 e 2018 muitas coisas aconteceram, muitas inovações no campo dos museus, da conservação preventiva, da expografia, da educação museal, da gestão de riscos, da elaboração de planos museológicos e das políticas públicas de museus foram produzidas e implementadas. O que há de novo? A construção do Instituto Brasileiro de Museus, o Cadastro Nacional de

¹¹ Tradução livre do original: “hubo divergencias, a veces agudas, entre los educadores y el personal de los museos. Pero es muy agradable hacer constar que terminaron siempre en buena armonía”.

Museus, o Sistema Brasileiro de Museus, o programa editorial do Ibram, a Política Nacional de Educação Museal, o Programa Nacional dos Pontos de Memória, a perspectiva da museologia social, os mais de quinze cursos de graduação em Museologia, os quatro programas de mestrado em Museologia, sendo um com habilitação em doutorado, os quatro Cursos de Estudos Avançados de Museologia com acesso ao doutoramento na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), as Redes de Educação Museal e de Museologia Social, entre outras tantas iniciativas, constituem evidentes novidades. Somam-se a essas iniciativas a criação de museus comunitários, museus indígenas, museus quilombolas, museus em favela e outras tantas experiências museais. Eis aí uma novidade: pensar e praticar o museu como ferramenta de luta, assim como espaço de encontro, de relação, de disputa e litígio. Os museus, na perspectiva da museologia social, são o território do 'e', e não do 'é'. Eis aí o novo (Chagas, 2019, p. 32-33).

Ou seja, os vestígios dos eventos realizados em 1958 e 2018 permitem mapear o itinerário da educação museal no Brasil e sua importância na legitimação da museologia como campo de conhecimento. Se no século XX os debates centravam-se no público escolar e os estágios de aprendizado – para fins conteudistas –, na fadiga visual, no aceleração da informação pelos novos meios de comunicação, por exemplo, nossos interesses voltam-se, nas primeiras décadas do século XXI, para a decolonialidade, raça, gênero, feminismos, identidades culturais e socioterritoriais, repatriações, direitos humanos, justiça e narrativas subterrâneas, e, após a contaminação da covid-19, para os estudos sobre a sociedade pós-pandemia, com ênfase em temas como museu e saúde mental. Temos por desafio interpretar as relações entre os sujeitos atravessados pelas transformações que caracterizam o mundo contemporâneo, compreendendo o museu como um fenômeno capaz de abrir novas possibilidades no presente.

Essa perspectiva potencializa a museologia como uma ciência humana e social que, como Waldisa Guarnieri (2010) evidencia, facilita o emergir de inquietudes que enriquecem uma reflexão crítica contínua da realidade. Assim, as experiências museais vem incursionando temas do presente, tornando-se instâncias relacionais que conjugam não apenas pessoas e objetos, mas principalmente, pessoas e pessoas (Scheiner, 2002). Bruno Brulon Soares (2012, p. 57-58) avalia:

[...] o Museu é, com efeito, aquilo que fazemos dele, e, portanto, é em si um ato inacabado. E aqui o pensar sobre as coisas, atos e museus, é muito mais do que possuí-los no desenho das pesadas linhas das definições. . . As coisas são o que fazemos delas. Por vezes caracterizadas como verbos em vez de substantivos, elas funcionam como nossos reflexos; elas *são* [grifo do autor] nossos usos, pensamentos, atos e conceitos.

Néstor Canclini (2014), ao analisar o museu contemporâneo, enfatiza que este deveria repensar seu sentido – sugerindo que menos se interesse em disciplinar o entorno, a fim de abrir espaço para o que é desconhecido. Na mesma direção Jezulino Braga (2017, p. 60) pondera:

Os museus podem também se constituírem como ambientes formativos para uma educação sensível, ética e estética, uma vez que essas instituições são espaços privilegiados para ver, ouvir, sentir e partilhar. São também ambientes de pertencimento, nos quais forjamos nossa identidade e nos abrimos a novas experiências.

Acredito que a educação museal tem exercido um papel significativo para alcançar essa projeção. Importante aqui refletir sobre a associação do termo museal, na minha interpretação um marco conceitual que reforça a museologia contemporânea. François Mairesse (2012) ressalta que o termo museal – compreendido enquanto sinônimo de campo museal – refere-se à noção ampliada de museu. Apresenta a definição de Bernard Deloche concebida na virada do século XXI:

O conceito é importante, pois define a Museologia; foi precisado por Bernard Deloche como ‘campo de referência no qual se desenvolvem não apenas a criação, o desenvolvimento e o funcionamento da instituição museu, mas também a reflexão sobre seus fundamentos e questões. Este campo de referência se caracteriza pela especificidade de sua abordagem e determina um ponto de vista sobre a realidade’ (Mairesse, 2012, p. 43).

A perspectiva que articula os termos “educação” e “museal” prevê o sujeito como propósito, sendo a experiência – o pensar, o sentir e o agir/ação crítica – a essência da dimensão e da função educativa. Em um aprimoramento teórico-metodológico, encontramos indícios da ênfase do processo educativo no sujeito,

e não mais no objeto, como ainda observado nas reflexões sobre educação em museus na primeira metade do século XX. O verbo “educação museal” da publicação *Conceitos-chave de museologia* (2013) reforça esse entendimento:

A educação museal pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante [...] A educação, em um contexto mais especificamente museológico, está ligada à mobilização de saberes ao desenvolvimento e ao florescimento dos indivíduos, principalmente por meio da integração desses saberes, bem como pelo desenvolvimento de novas sensibilidades e pela realização de novas experiências. ‘A pedagogia museal é um quadro teórico e metodológico que está a serviço da elaboração, da implementação e da avaliação de atividades educativas em um meio museal, atividades estas que têm como objetivo principal a aprendizagem dos saberes (conhecimentos, habilidades e atitudes) pelo visitante’ (Allard e Boucher, 1998). [...] A educação é mais ampla e visa à autonomia da pessoa (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 38-39).

Importante salientar que a educação museal no Brasil, em um processo iniciado em 2010, com a Carta de Petrópolis, tornou-se uma política pública – fortalecendo a ação educativa e reflexões sobre esse exercício –, legitimando-a como “[...] um campo profissional, de prática, de pesquisa e de produção de conhecimento e fazendo parte das funções essenciais dos museus é um processo que vem ganhando cada vez mais espaço no universo museal” (Castro, 2019, p. 112). Destaco, aqui, com base no Caderno da Política Nacional de Educação Museal (Brasil, 2018), o compromisso da educação museal:

A Educação Museal coloca em perspectiva a ciência, a memória e o patrimônio cultural enquanto produtos da humanidade, ao mesmo tempo em que contribui para que os sujeitos, em relação, produzam novos conhecimentos e práticas mediatizados pelos objetos, saberes e fazeres. Possui também estrutura e organização próprias, que podem relacionar-se com outras realidades que não a específica dos museus, de acordo com os objetivos traçados no seu planejamento. São ações fundamentalmente baseadas no diálogo. Isso inclui o reconhecimento do patrimônio musealizado, sua apropriação e a reflexão sobre sua história, sua composição e sua legitimidade

diante dos diversos grupos culturais que compõem a sociedade. Neste contexto, a Educação Museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. Mais do que para o 'desenvolvimento de visitantes' ou para a 'formação de público', a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la (Costa; Castro; Chiovatto; Soares, 2018 p. 74).

Ao acompanhar a trajetória que a educação museal vem traçando, volto para a pesquisadora Waldisa Guarnieri (1980), pois, embora não tenha presenciado¹² esse aprimoramento do compromisso social dos museus por meio da educação, sua perspectiva de museu pulsa nos preceitos da educação museal. A autora almejava museus em que não se tivesse a impressão de que a vida parou, assumindo, assim, a dinamicidade da vida: suas angústias, suas alegrias, suas contradições, ou seja, a vida pulsando. No final da década de 1970, acompanhando a virada da museologia (Desvallees, 1987), anunciava:

É fundamental esta ideia [a noção de que museu é o registro da trajetória humana sobre a terra], porque nos dá o conteúdo humanístico e a noção da grandeza implícita na tarefa do Museu. Na verdade, todos os museus existentes destinam-se a proceder ao registro do mundo [grifo da autora] que vive e circunda o Homem, do cenário em que ele se desloca, da natureza sobre a qual ele age; ou, então, destinam-se ao registro do trabalho do homem, do artefato de suas mãos, do resultado de sua inteligência e técnica. Todo museu é do 'mundo do homem' ou do 'homem' (Guarnieri, 1977, p. 133).

Hoje, vivenciamos uma fase de redefinição: propõe-se, pelo viés da educação museal, experiências mais inclusivas, acolhedoras, cooperativas, afetivas e intercambiadas. Precisamos de exercícios críticos de desmantelamento da política de silenciamento, de opressão e de invisibilização que vivemos cotidianamente. Vamos sim, através da educação museal, abordar em complexidade – considerando a intolerância como um diagnóstico necessário e a importância do resistir como contramedida de uma submissão imposta socialmente – a decolonialidade, a raça, o gênero, a di-

12 A pesquisadora brasileira, reconhecida mundialmente, faleceu em 1990. Para saber mais sobre sua produção, sugere-se a obra: BRUNO, M. C. O. (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Governo de São Paulo, 2010. 2 v.

versidade sexual, os direitos humanos, posicionando o(a) visitante como sujeito ativo desses debates. Concluo, pelas fontes analisadas, que, independentemente das estratégias assumidas ao longo das décadas, os(as) profissionais tinham uma defesa em comum: a educação em museus/educação museal tem como base o diálogo, e essa característica é atemporal. Nessa perspectiva, defendo que a educação museal é a possibilidade de darmos um passo ao encontro de nossas utopias por um mundo mais justo, afetivo e plural.

Referências

- BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004a.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004b.
- BRAGA, J. L. M. Desafios e Perspectivas para Educação Museal. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, D. F., v. 6, n. 12, p. 54-67, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16332> Acesso em: jun. 2023.
- CANCLINI, N. G. Museu para a globalização. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, v. 27, n. 41, p. 1-10, 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2596>. Acesso em: jun. 2023.
- CASTILLO, S. S. del. *Cenário da Arquitetura da Arte: montagens e espaços de exposições*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CASTRO, F. S. R. A construção do campo da educação museal: políticas públicas e prática profissional. *ReDoC - Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 90-114, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/40706>. Acesso em: jun. 2023.
- CERAVOLO, S. M.; SANTOS, D. C. dos. Apontamentos sobre José Antonio do Prado Valladares - "um homem de museu". *Cadernos do CEOM*, Chapecó, ano 20, n. 26, p. 195-221, 2007. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2025#:~:text=Jos%C3%A9%20Antonio%20do%20Prado%20Valadares,os%20livros%20t%C3%A9cnicos%20para%20museus>. Acesso em: jun. 2023.
- CHAGAS, M. de S. Seminário Regional da Unesco Sobre a Função Educativa dos Museus (1958): sessenta anos depois. In: CHAGAS, M.; RODRIGUES, M. V. M. (org.). *A função educacional dos museus: 60 anos*

do Seminário Regional da Unesco. Rio de Janeiro: Museu da República, 2019. p. 10-33. Disponível em: https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Livro_seminario_WEB.pdf. Acesso em: jun. 2023.

COSTA, A.; CASTRO, F. S. R.; CHIOVATTO, M.; SOARES, O. Educação Museal. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, D. F.: IBRAM, 2018. p.73-77. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: jun. 2023.

DESVALLÉES, A. Uma virada da Museologia (1987). *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 47, p. 49-68, 2015. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/8>. Acesso em: jun. 2023.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Armand Colin, 2013. Disponível em: https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em: jun. 2023.

FARIA, A. C. G. de. *O caráter educativo do Museu Histórico Nacional: o curso de museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/72139>. Acesso em: nov. 2024.

FARIA, A. C. G. de. *Educar no museu: o Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1932-1958)*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/158339>. Acesso em: nov. 2024.

GUARNIERI, W. R. C. *Museu: um aspecto das organizações culturais em um país em desenvolvimento*. 1977. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1977.

GUARNIERI, W. R. C. *Um museu de indústria em São Paulo*. 1980. Tese (Doutorado em Sociologia) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1980.

GUARNIERI, W. R. C. Sistema da Museologia, 1983. In: BRUNO, M. C. O. (coord.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Governo de São Paulo, 2010. v. 1, p. 127-136.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, D. F.: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: jun. 2023.

LESHCHENKO, A. *Metamuseologia e o Discurso Museológico. Notas sobre a contribuição de Stránský para o pensamento latino-americano.* In: SOARES, B. B.; BARAÇAL, A. B. (ed.). *Stránský: uma ponte Brno - Brasil.* Rio de Janeiro: UNIRIO; Paris: ICOFOM, 2017. p. 115-129. Disponível em: <https://icom.museum/en/ressource/stransky-uma-ponte-brno-brasil-anais-do-iii-ciclo-de-debates-da-escola-de-museologia-da-unirio/>. Acesso em: jun. 2023.

LOPES, M. M. Convite à leitura: “o conceito do museu está em plena evolução”. In: MIRANDA, G. G. de; SANTOS, M. J. V. da C.; ESTEVÃO, S. N. de M.; FONSECA, V. M. M. da (org.). *A função educativa dos Museus.* Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008. p. 19-23.

LUDOLF, D. C. Nova Diretriz para o Museu. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 189-200, 1964. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/24>. Acesso em: jun. 2023.

LUTZ, B. M. J. *A função educativa dos Museus.* Organização: Guilherme Gantois de Miranda, Maria José Veloso da Costa Santos, Silvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

MAIRESSE, F. *O museu inclusivo e a Museologia mundializada.* Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012, Petrópolis, 2012. p. 35-52.

REAL, R. M. *Museu Ideal.* Belo Horizonte: Tipografia da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1958.

RIVIÈRE, G. H. *Seminário regional de la Unesco sobre la función educativa de los museos, 7-30 de septiembre de 1958: informe.* [S. l.]: Unesco, 1958. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133845>. Acesso em: jun. 2023.

SÁ, I. C.; SIQUEIRA, G. K. *Curso de Museus - MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional.* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007.

SCHEINER, T. Museologia e apresentação da realidade. In: ENCUENTRO REGIONAL DEL ICOFOM LAM, 11., 2002, Cuenca e Ilhas Galápagos. *Anais [...]*. [Rio de Janeiro]: Tacnet Cultural, 2002. p. 96-105.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. *Anais: museu e educação: 60 anos da declaração do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=Livros%20dos%20Seminarios%20Internacionais%2018%20-%20Seminario%20Internacional%20MHN%202018_Caderno%20de%20Resumos_com%20alt%20text&pesq=&pagfis=75465. Acesso em: jun. 2023.

SOARES, B. B. A experiência museológica: Conceitos para uma fenomenologia do Museu. *Revista Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 12, p. 55-71, 2012. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/216/200#:~:text=Pensar%20uma%20fenomenologia%20do%20Museu,que%20o%20Museu%20diz%20respeito>. Acesso em: jun. 2023.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. História, memória e história da educação. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil, v. III: século XX*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 416-429.

TRIGUEIROS, F. dos S. *Museu e Educação*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1958.

UNESCO. *Archives Access-to-Memory Catalogue*. Paris: International Museums Office, 2011. Disponível em: <http://atom.archives.unesco.org/international-museums-office-imo;isaar>. Acesso em: jun. 2023.

VALLADARES, J. A. do P. *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos*. Salvador: Publicações do Museu do Estado da Bahia, 1946.

Submetido em: 10-03-2024.
Aprovado em: 13-06-2024.

